



**O “material” das lições – acerca do
livro *Dez lições sobre os estudos
culturais*, de Maria Elisa Cevalco**

Emiliano Augusto¹

O livro *Dez lições sobre os estudos culturais* (2008), de Maria Elisa Cevalco, é indispensável para qualquer estudante que deseje iniciar sua pesquisa sobre as obras da cultura – incluídas aí as literárias, cinematográficas, musicais, dentre outras –, seja lá em qual linha teórica se pense em afiliar-se. Maior será o proveito, claro, se o enfoque teórico for o mesmo da autora, um marxismo heterodoxo bastante dinâmico e nada dogmático. Em tempos nos quais o capital coloniza áreas até então intocadas e a lógica cultural é o que azeita as engrenagens do sistema, um enfoque materialista das práticas culturais é o ponto mais seguro do qual o debate pode partir.

Constituído de uma introdução e dez capítulos, cada um uma lição (com sugestões de leitura ao fim), conforme o título indica, desde a primeira linha o livro nos traz uma linguagem que procura ser

¹ Mestrando da USP pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

combativa e que não esconde em que ombros a autora se apoia. Uma referência ao célebre Manifesto do Partido Comunista inicia o texto, permeado de citações dos pais fundadores dos estudos culturais, seus discípulos, e até de seus oponentes teóricos. Entretanto, a força motriz vem das obras de seu proponente e pensador mais fecundo e de maior envergadura teórica, Raymond Williams (1921-1988).

Desta maneira, a primeira lição, cujo título é 'O tema "cultura e sociedade"' contém, na verdade, duas lições preciosas ao estudante que inicia suas preocupações com o assunto, e ambas podem ser apreendidas através desse autor. A primeira delas é sempre questionar o conceito recebido, lembrando que não existe definição que não seja histórica. O conceito de cultura é levantado à luz de sua história, assim como no primeiro grande trabalho de Williams, *Culture and Society, 1780-1950*, ou na primeira parte de seu *Marxismo e Literatura*. A segunda é uma demonstração de como não cair em dogmas e esquematismos fechados, como aconteceu com o marxismo ortodoxo. Sempre na esteira de Williams, Cevasco levanta teorias e práticas concorrentes sem refutá-las de imediato e por completo (mesmo aquelas que pareçam mais conservadoras e reacionárias), mas analisando suas linhas de força, e o que há de interessante nelas, mesmo que equivocado. É de se notar, também, a ideia central desse livro: a de que a cultura é também um campo material no qual os seres humanos produzem e reproduzem sua vida, valores e significados, e não um campo isolado e apartado da vida real. É a partir dessa percepção que a argumentação é construída e os equívocos, que permanecem apesar dessa constatação não ser exatamente recente, são demonstrados e refutados.

Antecedentes: o Inglês é o nome que recebe a segunda lição, e se há problemas a serem identificados, eles começam a tomar forma aqui: para os interessados em como a disciplina se espalhou pelo mundo afora e chegou até nós, quais os pontos comuns e divergentes, há pouca informação e, como se verá, esta só será codificada e rapidamente analisada no último capítulo do livro. Menos um defeito que passou

despercebido, mais uma característica que a nossa condição de estar na periferia – tanto econômica, quanto (e portanto) cultural – do sistema impôs à forma do livro. Também aparece nesta lição pela primeira vez a expressão “lixo cultural”. Embora a postura combativa seja necessária para opor-se a uma cultura que nos é impingida de cima para baixo, feita por uns poucos produtores culturais isolados, uma definição mais forte do que é esse lixo cultural se faz necessária para que, a partir dessa definição, possamos entender porque é preciso e como rejeitá-lo com veemência. O ponto forte do capítulo é, seguindo a linha que se desenhava na lição anterior, demonstrar como Williams se apropria da tradição inglesa do estudo de literatura, rejeitando as posições conservadoras de I. A. Richards e elitistas de Leavis, mas entendendo a vontade crítica presente nas obras dos autores ligados a eles. O combate à concepção do segundo, de a cultura ser o domínio de uns poucos guardiães selecionados cuja missão é preservá-la com o intuito de salvar uma sociedade que degrading é o que abre espaço para a noção da terceira lição, uma cultura comum em contraposição a uma cultura de minoria.

Talvez um dos capítulos mais interessantes e combativos do livro, temos aqui a noção de que as grandes obras, embora usadas como vetores de valores da classe dominante, fazem parte de uma herança cultural pertencente a todos nós. Mais ainda, os trabalhadores também temos uma alta cultura, que inclui os sindicatos, os partidos políticos, a luta pelo socialismo, e tudo aquilo que, baseado no princípio da solidariedade, modifica os modos de viver. O contato das diferentes classes com a cultura a modificará, e isso não deve ser temido: o tempo todo ela é modificada, e o próprio Leavis reinventou o cânone da literatura inglesa. Por fim, Williams entende, conforme aponta a autora, que a luta não pode se dar apenas no campo da cultura e muito menos isolada na teoria. Para que cheguemos verdadeiramente a uma cultura comum, uma mudança estrutural de ordem econômica é necessária.

A quarta lição trata da formação da disciplina e, depois de sua leitura, o capítulo sobre formações de Marxismo e Literatura fica menos

árido. Aqui ficamos sabendo que o esforço multidisciplinar dos estudos culturais tem origem no fato de os fundadores desse campo terem sido professores na *Workers' Educational Association*, uma organização de esquerda para a educação de trabalhadores: com uma interação extremamente democrática entre professores e alunos, aqueles tinham que procurar maneiras de responder aquilo que estava fora de seu escopo, pois estes exigiam que fosse ensinado o que tivesse relação com as suas vidas e aspirações. Irrompe com força a necessidade de uma prática e uma intervenção política no sentido de mudar a sociedade, aliadas ao trabalho teórico, cuja incapacidade de mudança quando isolado fora demonstrada e escamoteada na lição anterior. É anunciada de maneira clara, finalmente, uma noção crucial pra Williams e que parece obscurecida nas discussões hoje: a linguagem como material. Estamos acostumados a pensar dentro da falsa separação entre realidade e pensamento, quando o pensamento é parte da realidade. Como diz esse autor, realidade e falar da realidade não podem ser encarados como completamente separados. Não como querem os pós-modernos, para quem tudo é linguagem, mas como um dos meios de produção e reprodução da vida.

As lições cinco e seis, especialmente a cinco, são mais historiográficas. Na quinta, vemos como a traição do stalinismo e a necessidade de se posicionar tanto contra o imperialismo britânico quanto contra o russo fizeram parte das condições que possibilitaram a *New Left* britânica, movimento político ao qual o surgimento dos estudos culturais está intrinsecamente ligado. Assim como a situação histórica empurrou essa geração para longe do dogmatismo, no sexto capítulo vemos como o feminismo e os estudos de raça e gênero, impulsionados pelos movimentos sociais dos anos sessenta, tomam de assalto o campo dos estudos culturais. Enquanto isso, com o desenvolvimento da indústria cultural, Williams começa a pensar no uso das novas tecnologias (como câmeras, gravadores, etc.) para modificar as relações de produção cultural. Nos nossos tempos de desenvolvimento vertiginoso de ferramentas na internet, há uma valiosa

lição a ser aprendida: essas ferramentas podem sim revolucionar a produção e auxiliar na democratização da cultura, mas é um engano cair na apologia da técnica. Um novo tipo de organização econômica e social é necessário para que isso ocorra de fato, e não a simples inovação tecnológica. Maria Elisa Cevasco aponta que os cartéis dos meios de comunicação de massa não só persistem como ainda dominam e, com a internet, podemos inferir, não é diferente.

Para os interessados em entender os problemas do dogmatismo do marxismo ortodoxo e perceber como outras linhas podem ser mais interessantes em aspectos no quais a nossa falha, o início da lição sete, sobre os encontros e desencontros entre marxismo e cultura, deve ser lido com atenção, especialmente a parte em que a autora aponta a validade da crítica de Leavis contra o marxismo de então. Esse é um passo necessário para uma posição intelectualmente honesta e para o fortalecimento de nossa posição teórica. Nessa lição, Cevasco começa a apresentar e se posicionar com força contra as teorias do pós-estruturalismo, da pós-modernidade e do pós-marxismo, com as quais debaterá nas duas lições subsequentes. Na oitava lição, a autora aponta que se os estudos culturais se organizaram em um tempo em que os estudos literários sentem a literatura ameaçada pelos meios de comunicação de massa, em torno da *New Left*, quando uma mudança social radical parece possível, essas teorias surgem em momentos de refluxo, quando a indústria cultural é hegemônica e nenhuma mudança parece possível. Seu equívoco consiste em assumir a forma da cultura que deveriam estudar em vez de estudá-la efetivamente e criticá-la. Claro, se a mudança é impossível, qual é o propósito da crítica?

Se falta no livro uma definição exata de lixo cultural, na nona lição, Maria Elisa Cevasco nos oferece uma coleção de lixo teórico: as citações mais problemáticas de trabalhos pós-marxistas, pós-estruturalistas e pós-modernos. Claro, ela não os chama dessa maneira, mas analisando as características que aparecem próximas as indicações de lixo cultural – a mercantilização, a standardização, o isolamento do produtor, a existência de um comunicador em separado

dos comunicáveis – imagina-se que a autora não faria muita objeção a esta classificação, uma vez que essas citações sofrem de problemas semelhantes.

Na última lição, finalmente chegamos à periferia do sistema, os estudos culturais no Brasil. Cevasco passa rapidamente pela introdução da disciplina por estas paragens e pela situação atual, e então faz um interessante estudo sobre as semelhanças com a crítica cultural brasileira. Compara a formação da *New Left* com a do grupo em torno da revista *Clima*, no qual estão inclusos nomes como Antonio Candido e Paulo Emilio Salles Gomes. Por fim, temos um exemplo de análise materialista: um comentário sobre o trabalho de Roberto Schwarz. Seria muito proveitoso um livro semelhante, com dez lições sobre a crítica cultural no Brasil, e o momento é propício para o debate.

Referências Bibliográficas

CEVASCOA, Maria Elisa. *Dez Lições Sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo. 2ª ed, 2008.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. DUTRA, Waltensir (trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.